



2013

Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

ÍNDICE

(Clicar com o rato na data para abrir o discurso pretendido)

[06.04.2013](#) – Dia Nacional do Combatente

[26.04.2013](#) – Inauguração de Monumento aos Combatentes – São Vicente, Madeira

[03.06.2013](#) – Apresentação do Livro “Êxitos, Fracassos e Exigências...”

[14.06.2013](#) – Inauguração de Memorial em Abrantes

[16.06.2013](#) – Inauguração de Monumento aos Combatentes em Olhão

[24.09.2013](#) – Trasladação dos restos mortais do General Costa Gomes para a Cripta

[09.11.2013](#) – Dia do Armistício da Grande Guerra

77.ª ROMAGEM AO TÚMULO DO SOLDADO DESCONHECIDO E 95.º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE LA LYS

6 de abril de 2013

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor General Chefe do Estado-maior General das Forças Armadas

Temos hoje a honra de ter V.ª Ex.ª a presidir a esta significativa e histórica cerimónia e simultaneamente ser a entidade convidada para proferir a oração tradicional junto ao túmulo do soldado desconhecido.

Permita-me que agradeça a sua imediata disponibilidade para o efeito, bem como toda a compreensão e apoio que tem prestado à Liga dos Combatentes e combatentes em geral, enquanto CEMGFA.

Exmo. Senhor Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional, em representação de S. Exa. o MDN, agradeço a Vª Ex.ª estar mais uma vez neste dia com os combatentes.

Permita-me que assinalemos e nos regozijemos com a decisão recentemente tomada por V.ª Ex.ª de manter os apoios idênticos ao ano transato às instituições sociais tuteladas pelo MDN.

Exmo. Senhor Presidente da CM da Batalha; Exmo. Senhor Almirante Chefe de Estado-maior da Armada; Exmo. Senhor General Chefe de Estado-maior da Força Aérea; Exmo. Senhor General Chefe de Estado-maior do Exército; Exmo. Senhor Representante do General Comandante da GNR
Exmo. Senhor Representante do Diretor Nacional da PSP

O nosso profundo agradecimento pela vossa presença e pelos apoios prestados à Liga dos Combatentes e aos combatentes.

Exmo. Senhor Presidente da CM de Leiria; Exmos. Senhores Generais e Almirantes e Diretores-gerais; Senhor Bispo das Forças Armadas e de Segurança Ex.ª Reverendíssima; Exmos. Senhores Adidos de Defesa de Países Amigos; Exmo. Senhor Diretor do Mosteiro da Batalha; Exmos. Senhores Presidentes de Associações de Combatentes, das Associações Profissionais das Forças Armadas, dos Núcleos da Liga dos Combatentes, da Souvenir Français e Royal British Legion

Exmas. Entidades Civas, Militares e Religiosas

Ilustres Convidados

Caros Combatentes

Seja-me permitida hoje uma primeira palavra para sua Ex.ª Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança D. Januário Torgal Ferreira que hoje pela última vez nessas funções, nos acompanha nestas cerimónias evocativas. Fê-lo durante vinte anos na Batalha e noutras cerimónias, bem como no apoio direto aos combatentes e suas famílias em momentos difíceis.

Aqui deixamos a homenagem pública dos combatentes no respeito e admiração pela sua personalidade, pelo seu carisma, frontalidade e liberdade de pensamento e ação.

Minhas senhoras e Meus Senhores

Evocamos hoje o 9 de abril, o Dia Nacional do Combatente. Ao longo de décadas, Presidentes da Republica, Primeiros-Ministros, Ministros da Defesa Nacional, Secretários de Estado da Defesa Nacional e Generais Chefes de Estado Maior General das Forças Armadas, presidiram a esta cerimónia de carácter nacional, homenageando neste simbólico dia, essa simbólica e abrangente figura do Combatente. Igualmente, com mesmo simbolismo evocativo do Dia do Combatente, aqui se têm deslocado as mais distintas figuras do país para, na sala do capítulo, perante o túmulo do soldado desconhecido, proferirem a oração fundamental destas nossas cerimónias.

Convidámos no corrente ano e teremos hoje para proferir essa alocução, como já referi, o Exmo. General Esteves Araújo ilustre Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas a quem agradecemos mais uma vez. Aqui vimos há dezenas e dezenas de anos por iniciativa da Liga dos Combatentes a que se juntaram novas Associações de Combatentes, nomeadamente após resolução conjunta em que foram acordados como dias a evocar pelos Combatentes, o dia 9 de abril, o dia 10 de Junho e o dia 11 de Novembro.

É em representação da Liga dos Combatentes e dessas Associações de Combatentes que então se nos juntaram que aqui estamos mais uma vez celebrando o Dia do Combatente. Celebração que faremos de uma forma abrangente em dois patamares históricos e no segundo patamar sublinhando três momentos. No primeiro patamar histórico evoco o soldado português conhecido ou anónimo que do século XII ao século XIX se identifica com as palavras de Mouzinho de Albuquerque, também ele com um monumento em sua homenagem nesta praça, quando afirma que Portugal é obra de soldados.

Com eles evoco todos os tempos difíceis por que passámos, os momentos em que ganhámos a independência ou restaurámos a independência perdida, como em Ourique, Aljubarrota ou 1 de dezembro 1640. Datas suficientemente avocadas pelas forças armadas e outras organizações nacionais.

No segundo patamar histórico evoco o soldado contemporâneo do século XX e XXI em três tempos e circunstâncias:

- Os que se bateram na IGG em África e em França;
- Os que se bateram na Guerra do Ultramar;
- Os que se bateram e batem nas Operações de Paz e Humanitárias.

Relativamente aos que se bateram na Grande Guerra e que para nós, também antigos combatentes, são exemplo e memória perene, sente a Liga dos Combatentes que tem sido e será sempre, da sua responsabilidade primária que essa memória se tenha conservado e se continue a conservar, a ponto de nos trazer aqui anualmente evocando o 9 de abril. Data não de uma derrota dos portugueses, como por vezes é apresentada, mas de um sacrifício extremo, em circunstâncias extremas, que contribuiu para a vitória das forças aliadas alguns meses depois.

Então 110.000 homens de seis divisões completas, formando duas colunas do ataque, lançaram-se sobre uma incompleta e desfalcada Divisão Portuguesa com 21.061 homens.

A desproporção era de cinco para um, bem superior ao três para um necessário para o sucesso de qualquer ofensiva, mas no dia seguinte, a fúria da resistência até ao limite das energias físicas ou

ao consumo total das munições verificava-se em locais a partir de então históricos, como Red House, Fauquissart, Huit-Maisons, Richebourg e no lendário Lacouture. A rotura da frente, como em qualquer ofensiva bem planeada verificou-se, mas o esforço português contribuiu decisivamente para a vitória aliada em Novembro de 1918.

Aproximamo-nos do centenário dos acontecimentos e a Liga dos Combatentes celebrá-lo-á e dará todo o seu apoio às cerimónias que irão decorrer a nível nacional.

A grande guerra foi um fenómeno mundial e dramático que mudou o mundo e a única grande guerra da sua história, em que Portugal esteve envolvido, mas felizmente na defesa da liberdade e da democracia.

Evocamos há décadas, com o reconhecimento público que atrás foi assinalado, bem como com o apoio explícito dos chefes de Estado-maior das Forças Armadas, o 9 de abril como dia do Combatente e continuaremos a fazê-lo como é tradição. Dia em que evocamos especialmente todos os Soldados Desconhecidos de Portugal.

Bem merece pois o 9 de abril, tradicionalmente reconhecido como o Dia do Combatente, ver esse reconhecimento nacional homologado pela Assembleia da República, precisamente quando, no corrente ano, se comemoram os 95 anos do fim da Grande Guerra e nos preparamos para a evocação do centenário do seu início.

O segundo tempo que atrás referenciei diz respeito ao nosso tempo. Ao tempo dos que se bateram na Guerra do Ultramar receberam o bastão dos que vindos da Grande Guerra se constituíram em Misericórdia dos combatentes e famílias mais débeis e carenciadas e, como aqueles, lutam em permanência pelo cultivo dos valores, da solidariedade e do apoio mútuo.

Connosco o Humanismo e a solidariedade são como sempre foram, as nossas bandeiras e se como alguns afirmam “a Europa morreu em Chipre” às mãos de capitalismo desenfreado, nós continuaremos vivos na manutenção de um ideal social e na procura dos meios financeiros capazes de sustentar o apoio a combatentes e famílias de deficientes ou carenciados.

Disse o Papa Francisco “sem Cristo a Igreja transformar-se-ia numa ONG benfeitora”. Inspirando-nos nesse pensamento, diremos que sem o culto dos Valores e sem a prática da solidariedade a Liga dos Combatentes transformar-se-ia numa ONG sem benfeitores.

Esses homens que aqui conseguem vir hoje e representam os milhares de outros que gostariam de aqui poder estar e não estão pelas mais diversas circunstâncias, nomeadamente as circunstâncias em que vivemos, bem merecem ser enaltecidos, respeitados e apoiados, pois para além de assumirem as responsabilidades inerentes a um dever cumprido, honram com a sua presença a memória dos que caíram e fortalecem os laços históricos a manter entre o passado o presente e o futuro.

Presente e futuro. São estas duas gerações, destes dois tempos, que aqui estão hoje.

Mas permitam-me que sublinhe desde já a primeira. A que viveu o tempo e as consequências da II guerra mundial, com as restrições económico financeiras e de segurança nacional e europeia de então, aquela a quem mais tarde foi decidido e exigido politicamente que se batesse durante vinte anos em quatro frentes de conflito armado, de 1954 na Índia a 1974 em África, no maior teatro

de operações e logístico de que há memória, num pequeno país europeu; geração que viria a ser decisiva no findar da guerra em África e na construção da democracia; que viveu e ultrapassou o chamado Processo Revolucionário em Curso e que hoje se vê confrontada novamente com outra verdadeira revolução dentro e fora das fronteiras e que não deveria ver criadas condições para se interrogar se valeram a pena ou não, os sacrifícios sucessivos que lhe foram solicitados, ao longo das suas vidas na defesa dos interesses superiores do país.

Hoje, que os três D's (Desenvolvimento, Democracia e Descolonização) se transformaram em três D's com outro dramático significado (Dívida, Desemprego e Déficit) importa apelar a todas as nossas forças morais para que sejam suficientemente fortes, como fator multiplicador das forças materiais e encontrem o caminho a percorrer, recuperando como objetivos nacionais os dois D's do 25 de Abril, (Desenvolvimento e Democracia) e lhe juntem um novo D de Determinação, na Defesa do Portugal euro atlântico, como país soberano, independente e livre ao serviço dos portugueses.

Finalmente o terceiro momento do segundo patamar histórico que referenciei diz respeito aos milhares de portugueses que, em Forças Nacionais Destacadas, cumpriram e cumprem missões das Forças Armadas Portuguesas, do maior relevo para os interesses superiores do país. Fazem-no na prossecução de uma missão histórica ancestral.

O que foram senão Forças Nacionais Destacadas a epopeia dos descobrimentos no séc. XV e XVI?

O que foram senão Forças Nacionais Destacadas as que nos séc. XVII a XIX chegaram a Inglaterra, França, a Madrid e mesmo à Rússia?

O que foram senão Forças Nacionais Destacadas as que no séc. XX se bateram no centro da Europa e em África na IGG, e posteriormente na Índia e na Guerra do Ultramar?

Bateram-se tal como se bateram ou batem hoje no Kosovo, Iraque, Afeganistão ou Somália as Forças Nacionais Destacadas.

Assinalável constante histórica que faz parte não só do Conceito Estratégico de hoje, mas está na nossa própria razão de existir e é elemento da nossa própria idiossincrasia.

É dessa predestinação histórica que resulta o facto de nos sentirmos bem ao admitirmos que somos, como sempre fomos coprodutores de segurança nacional e internacional.

Assim tem sido a nossa longa história numa sinusoide de sucessos e de retrocessos. Quantas vezes Portugal renasceu das cinzas de cabeça erguida. Algumas vezes pareceu que à Pátria alguns a queriam ver vendida.

Simplemente a Pátria, sempre que necessitou de ser dia a dia renascida, renasceu!

Ainda não houve português algum que tivesse morrido e morresse com a Pátria.

Termino, pois, com um poema exultando a esse permanente renascimento perante aqueles que ao longo da nossa história não acreditaram nela e mesmo sendo grandes acreditaram que morreriam, mas morreriam com ela.

PÁTRIA DIA A DIA RENASCIDA

*Se a Pátria está à venda
Só há uma forma de o fazer
É vendê-la hora a hora
A cada criança que nascer*

*Sim Pátria! Só há uma forma de o fazer
Se te querem ver vendida
É ensinar-te dia a dia
A cada criança nascida*

*É ensinar-te dia a dia
Ao Exército assim formado
Para que lute por ti Pátria
Com pena, gládio e arado*

*E cada criança que nascer
Receberá de cada criança nascida
Uma Pátria dia a dia a renascer
Dos que a querem ver vendida.*

Vivam os combatentes por Portugal
VIVA PORTUGAL!

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DE MONUMENTO AOS COMBATENTES DO ULTRAMAR EM S. VICENTE, MADEIRA

26 de abril de 2013

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente do Governo Regional - Dr. Alberto João Jardim; Exmo. Senhor General Comandante da ZMM – General Marco Serronha; Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de S. Vicente, Dr. Jorge Romeira

Exmas. Autoridades Civas, Militares e Religiosas
Minhas Senhoras e Meus Senhores
Caros Combatentes e Exmas. Famílias

Para os combatentes portugueses, nomeadamente para os combatentes madeirenses, S. Vicente está hoje no centro do nosso Mundo. Hoje, neste lugar do Portugal profundo, reunimo-nos para evocar um punhado de madeirenses que, na guerra do ultramar, caíram, servindo Portugal. Felicito a iniciativa das entidades autárquicas de S. Vicente e a ação da Direção do Núcleo do Funchal da Liga dos Combatentes.

Ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de S. Vicente. Os meus agradecimentos pelo convite que me foi formulado para que estivesse hoje convosco e o meu reconhecimento pelo facto de ver concretizada a aspiração que me transmitiu a última vez que aqui estive e debatemos esta feliz ideia. Mais um padrão se ergue para memória futura. Padrões normalmente erguidos com materiais de rija tempera, pedra e ou metal, capazes de resistir ao tempo e às circunstâncias e que perpetuam o respeito e admiração das gerações de hoje e futuras para com aqueles que se bateram ou deram a vida pela Pátria. Hoje, tal como em S. Vicente, a Liga dos Combatentes está em Aljustrel e no Cadaval, onde se erguem Monumentos com idêntica finalidade e que se juntam aos mais de 200, levantados em todo o país e no estrangeiro, evocando o mesmo período da História recente de Portugal.

Nascem por vontade expressa das populações, das autarquias, dos combatentes.
Nascem de baixo para cima e não por imposição política ou ideológica.
Nascem porque a condição militar une os portugueses.

A Liga dos combatentes com a compreensão e apoio das autoridades vigentes prossegue desde há precisamente 90 anos os seus dois grandes objetivos estratégicos:

- A Promoção dos Valores;
- A prática da Solidariedade.

Hoje, evocamos os Valores Superiores de um povo, erguendo este Monumento que se deseja permanentemente vivo. Mas hoje, também apelamos a todos, responsáveis políticos, população em geral e combatentes em particular, para o facto de ser nossa responsabilidade moral tratar dos vivos. A criação de condições dignas para os vivos e que facilitem o apoio àqueles que tendo um dia sido chamados a sacrificar-se por Portugal, em sua defesa, de armas na mão, a vida não lhes sorriu. Apelo por isso, como Presidente da Liga dos Combatentes, una em todo o território Nacional, instituição que ultrapassou desde a sua criação, todas as crises e guerras que o País viveu, apelo dizia, para além da honra aos mortos, que não esquecemos, nem esqueceremos, para que o Governo Regional e o seu Presidente como Sócio Benemérito, apoie os combatentes

madeirenses, enquanto membros da Liga dos Combatentes, como sempre fez, concretamente até 2008. A dedicação, determinação, frontalidade e tenacidade do atual presidente do Núcleo do Funchal da Liga dos Combatentes, Núcleo que há dez anos encontrei em situação difícil, tem permitido que a Liga dos Combatentes na Madeira, como felizmente em todo o País, seja uma instituição em que a utilidade, a visibilidade e conseqüente credibilidade conduzem à modernidade e ao crescimento. Prometemos, tudo continuar a fazer para que a casa do Combatente na Madeira seja uma casa de apoio ao combatente madeirense.

Os nossos Programas Estratégicos e Estruturantes, Liga Solidária, (apoio aos idosos) conservação das Memórias (dignidade dos lugares no mundo onde se encontram inumados os caídos por Portugal), Cultura, Cidadania e Defesa (promoção dos valores), Inovação e Modernização (organização atual e atuante), Passagem do Testemunho (às novas gerações das FA e FS) e Cuidados de Saúde (apoio à saúde física e mental), são hoje as grandes artérias da nossa atividade e a garantia da nossa perenidade. Somos mais de 500 dirigentes voluntários, que fizemos a Guerra do Ultramar e as Missões de Paz e Humanitárias, nos últimos anos foram criados 40 novos Núcleos, ultrapassando os Cem e inscrevemos mais de 20 000 novos sócios. O Monumento que hoje inauguramos na linha da dignificação do Talhão dos Combatentes no Funchal e da Casa do Combatente no Beco do Paiol, é pois mais uma pedra nesse grande edifício que continuamos construindo tal como o fizeram os nossos antepassados na prossecução dos valores e da solidariedade.

Quantas mães madeirenses viram ao longo da História de Portugal, partir seus filhos para lá do Monte, continuando a vê-los no horizonte? Permitam-me que eu vos leia um poema meu que dedico às mães madeirenses que viram seus filhos ir p'ro mar e que tem por título:

NO HORIZONTE

*Deixei meu filho ir p'ro mar
Ir p'ra longe da terra ... lutar!
Dizem-me que vai p'ra guerra
Poderá não voltar ...!
No cais
Muitas mães a chorar
Deixaram seus filhos ir p'ro mar
Não vão sós
Vão em vapor militar
Vão p'ra longe da terra ... lutar
Volto à serra, volto ao monte
Deixei meu filho ir p'ro mar
Continuo a vê-lo, no Horizonte!*

Ilustres madeirenses, ou madeirenses anónimos escreveram, de armas na mão, a obra dos Soldados de Mouzinho: Portugal.

São esses madeirenses cujos corpos estão espalhados pelo mundo inteiro, até àquele que há bem pouco tempo a Liga dos Combatentes trasladou da Guiné e trouxe até Paúl do Mar (Gabriel Telo) depois de uma muito digna cerimónia nacional com outros dois seus camaradas junto ao

Monumento as Combatentes do Ultramar, em Belém. Hoje, S. Vicente é na Madeira o primeiro exemplo que gostaríamos de ver replicado em outros conselhos, à semelhança do que acontece em algumas partes dos Açores e aconteceu recentemente em Foz Coa, onde por iniciativa do Sr. Presidente da Câmara e o Diretor do Museu local se ergueram padrões em todas as freguesias do Conselho, num total de dezasseis com materiais característicos da Região. Somos todos testemunhas oculares que na profundidade do sentimento das gentes portuguesas, sejam madeirenses, açorianas ou de outro espaço nacional, existe um respeito e uma admiração profunda de gratidão para com aqueles que se viram obrigados a fazer a guerra por decisão política de então.

Essa admiração e esse respeito não têm sido partilhados por vezes, por determinados patamares políticos. O tempo levará muitos de nós, mas os que dentro de alguns anos ainda viverem, serão então certamente apontados como heróis de uma guerra que afinal acabou por marcar eternamente os destinos do país, tal como o conhecemos na nossa geração. Termina com um poema que dedico a todos esses heróis:

HERÓIS

*Não. Não navegam no sofrimento os que então cumpriram seu dever
De cabeça erguida, sem lamento, são da Pátria heróis sem o saber
Vivem!
Vivem mesmo os que morreram
Todos!
Todos os que juntos sofreram
Vivem!
Vivem anónimos e altivos entre aqueles que os esqueceram
Hoje, grandes Homens ou mendigos são no Portugal atlântico e europeu
Heróis Pátria, mesmo desconhecidos
Heróis com nome, que a guerra não levou.*

Vivam os Combatentes Madeirenses
Vivam os Combatentes por Portugal
Viva Portuga

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

APRESENTAÇÃO DO LIVRO “ÊXITOS, FRACASSOS E EXIGÊNCIAS EM PRODUÇÕES CIENTÍFICAS REALIZADAS”

3 de junho de 2013

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Agradeço sensibilizado o convite que me foi feito para apresentar este livro e, simultaneamente agradeço o terem escolhido este espaço de cultura de cidadania e espírito de defesa que é o Museu do Combatente, para o lançamento de um livro cujo conteúdo nos apresenta a preocupação permanente do rigor da avaliação e da investigação científica.

Após o ter lido, dei comigo a pensar que ao fazer a sua apresentação na presença do seu autor, teria que ter muito cuidado pois a minha dissertação teria que ter certamente uma orientação que sem dúvida deveria passar por um esquema que não deveria esquecer a apresentação de algumas passagens da obra em apreço, a apreciação do plano utilizado no tratamento do tema, dos documentos e fontes, para seguidamente dever pronunciar-me pelo real mérito da obra e seu apreço para logo enveredar por um *however* que conduzisse às dúvidas, às perguntas a esclarecer até que uma vez obtidas, deveria pronunciar-me sobre a pertinência das respostas e a riqueza, ou não, da dissertação.

Rapidamente conclui que não deveria enveredar por esta exigência final e não iria apresentar quaisquer dúvidas ou questões, poupando assim o senhor Prof doutor Martins a apresentar contra-argumentação às mesmas e deveria eu sim, pronunciar-me sobre a real validade da tese que me era apresentada, o livro, a obra resultante de uma vivificada experiência de vida universitária evidente, de um superior conhecimento e saber, de uma diversidade temática reveladora de uma grande abrangência cultural e científica.

Este Livro, que nos é revelado pelo Prof. Doutor Manuel Gonçalves Martins, possui o título seguinte: “Êxitos, Fracassos e Exigências em Produções Científicas Realizadas”. Apresenta, de uma forma simples e clara e didática, “exigências e orientações práticas para realizar trabalhos científicos” e, segundo as suas palavras (escritas na Introdução) indica as análises, os comentários e as questões que ele, enquanto arguente principal, fez quando analisou Monografias de Licenciaturas, Dissertações de Mestrado, Teses de Doutoramento e Provas de Agregação. Este Livro, explicou o Prof. Manuel Martins, apresenta, à letra, tudo o que ele, enquanto Membro de Júris nomeados para o efeito e arguente principal, afirmou durante Provas Académicas, efetuadas, no Instituto Superior Politécnico Gaya, na Universidade Fernando Pessoa, na Universidade Nova de Lisboa, na Universidade Técnica de Lisboa, ou na Universidade do Minho.

Possui TRÊS PARTES. A Primeira Parte incide sobre Provas relativas a Produções Científicas Realizadas. Por isso, pronuncia-se sobre Algumas Monografias de Licenciatura, Cinco Teses de Doutoramento e Vinte e Seis Dissertações de Mestrado. A Segunda Parte versa sobre Provas Académicas efetuadas para ascender na carreira de Docente Universitário. Esta Parte incide sobre Provas de Aptidão Pedagógica e Científica e Provas de Agregação, realizadas em particular pelos Professores da Universidade do Minho Maria do Céu Pinto e Luís Filipe Lobo Fernandes. A Terceira Parte indica Exigências existentes e Orientações Práticas para efetuar trabalhos científicos, principalmente no âmbito das Ciências Sociais e Humanas e da Ciência Política e Relações Internacionais. Esta Parte do Livro inclui um Projeto de Investigação sobre “A Cooperação entre Portugal e os Outros Estados Membros da CPLP”.

O Prof. Manuel Martins colocou este Projeto de Investigação neste seu Livro para incitar a investigação sobre este assunto considerado muito importante. Por isso, ele, autor do Projeto, até o apresentou para apoiar os interessados em concretizarem investigações científicas com o objetivo de concluírem os seus graus académicos. Os assuntos tratados são muitos e diversificados, mas podemos coloca-los no âmbito da política e da estratégia na sua generalidade tocando as áreas geográficas europeia e africana. Esses temas, repito, referem-se a Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado, etc., apresentadas e defendidas ao longo de mais de duas décadas (entre 1990 e 2012: incluído) e atendendo às diferentes conjunturas desses anos. Por isso, todas as afirmações (cada afirmação) existentes neste livro devem ser lidas e interpretadas atendendo ao contexto em que foram feitas.

Não posso referir-me a todos os assuntos apresentados e analisados neste Livro. Nem mais ou menos! Apesar disso, escolhi alguns temas que, utilizando as palavras do Prof. Martins, vou apresentar para a vossa reflexão. Deixo-vos as conclusões quanto à sua atualidade e realismo, como aperitivo e desafio à sua leitura e apreciação. Peço-vos um ligeiro esforço intelectual para os situarem no tempo que entenderem. Na página 40, o Prof. Martins escreveu: “Dr. Rui Manuel Melo de Albuquerque, na página 378 desta sua tese de Doutoramento afirmou”: “Ninguém negará que o poder tem uma natureza usurpadora e deve ser eficazmente impedido de ultrapassar os limites que lhe são atribuídos”; e na página 58 disse: *Se o poder não for contido, se não lhe for oferecida oposição, acabará por invadir a totalidade da ação humana e todo o domínio social lhe será escasso.*

Por isso, Dr. Rui de Albuquerque, eu posso concluir: “Devemos opor-nos firmemente ao poder exagerado; devemos procurar conter o seu fortalecimento, devemos fazer que o poder seja civilizado e suportável! Devemos opor-nos ao poder exagerado, independentemente das razões que ele apresente, ainda que, teoricamente, estejamos de acordo com as suas razões! Devemos opor-nos, para que o poder se sinta inseguro e não avance com as suas imposições! Desta forma, prestaremos um serviço à sociedade!” Admite estas afirmações?

Na página 243, o Prof. Martins escreveu: “Na página 67, o Dr. Domingos Pereira Couto afirmou: “Numa organização pública, a gestão da mudança implica sempre uma alteração do comportamento e um grande controlo da dimensão emocional dos funcionários, torna-se determinante neste contexto o papel do líder da mudança”. Em relação a este assunto, Dr. Domingos Couto, atendendo à atual conjuntura portuguesa, conjuntura especial, pergunto-lhe: Parece-lhe acertada a atitude que o Executivo Português teve quando procurou concretizar a reestruturação e a modernização da Administração Pública Portuguesa? Não lhe parece que o Governo da Nação não soube mobilizar os funcionários públicos portugueses e integrá-los na concretização das mudanças? Não lhe parece que esse Executivo desacreditou os funcionários públicos portugueses e desta forma incitou-os a lutarem contra as mudanças que procurou efetuar?

Na página 132 deste Livro posso ler o seguinte: “Dra. Denise Marie Shorey, na página 1 da sua Dissertação escreveu: “O fortalecimento da coesão da população portuguesa em torno do sistema de valores que historicamente enformam a Nação e lhe determinam a individualidade e a independência”. Sobre este assunto, Dra. Denise, pergunto-lhe: Pensa que os valores históricos da população portuguesa subsistem atualmente e é possível fortalecê-los? Porquê? Quais são esses valores? A Nação que existiu durante a expansão marítima portuguesa e durante a existência do Império português, é a mesma Nação pertencente à União Europeia? Porquê? Dra. Denise, não esqueça: Antes existiam e predominavam os valores

pregados e defendidos pela Igreja Católica! Atualmente os portugueses respeitam e defendem os mesmos valores? Atualmente, os portugueses seguem os valores e as orientações da Igreja Católica?

Na página 142, o Prof. Martins escreveu: “O Dr. Desidério Manuel Vilas Leitão, na página 38 da sua Dissertação afirmou: “Sobretudo numa altura em que o Mediterrâneo se tem vindo a constituir numa ‘autoestrada’ para Norte, fazendo com que entre europeus, magrebinos e africanos se estabeleça um processo de miscigenação que acarretará a curto prazo graves conflitos sociais”. Por isso, observo: Dr. Desidério, atualmente (apesar dos inúmeros obstáculos, policiais, linguísticos, etc. ainda existentes) caminhamos aceleradamente, para a mundialização ou para a “aldeia global” e até para a “homogeneização cultural”! Por este motivo, segundo alguns autores, simultaneamente também avançamos aceleradamente para inúmeros conflitos entre etnias, raças, religiões e culturas! E até, segundo esses analistas, caminhamos para o conflito global! Concorda com estas afirmações? Apresente os seus comentários sobre esta visão catastrófica da sociedade internacional.

Na página 274, o Prof. Martins escreveu: A Dra. Rita Maria Andrade, na página 7 da sua Dissertação afirmou: “As minorias étnicas são por vezes consideradas como uma ameaça, nos empregos, na segurança individual e também uma ameaça à cultura nacional das populações dominantes...” Esta sua forma de se expressar (“as minorias étnicas são por vezes consideradas”), Dra. Rita Maria, manifesta que não aceita estas ameaças. Por isso, peço-lhe para apresentar as suas razões. Não lhe parece que realmente as minorias étnicas ameaçam as populações nacionais (maioritárias)? E, não lhe parece que os imigrantes (com i) concretizam essas ameaças? Não lhe parece que, por exemplo, atualmente em Portugal os trabalhadores imigrantes diminuem o número de empregos disponíveis para os portugueses? Não lhe parece que os trabalhadores imigrantes, diminuem os empregos que podiam estar disponíveis ao menos para os portugueses dispostos a aceitar e a trabalhar em empregos difíceis e mal remunerados?

Sobre estes assuntos, Dr.^a Dora Pinto, digo-lhe claramente: lamento estas afirmações apresentadas em sentido crítico contra o Estado Novo! É que, Dr.^a Dora, eu recorro os ensinamentos (a doutrina!) da Igreja Católica que, em geral, os portugueses, seguiram com bastante fidelidade! E, não por imposição desse Regime! Quais são as afirmações dos Evangelhos? Quais foram (nesse tempo) os ensinamentos da Igreja Católica? “Ai dos ricos, porque deles não será o reino dos céus”! “Bem-aventurados os pobres porque serão consolados”! “Porque deles será o reino dos céus”! “A felicidade não existe neste mundo”! Foram estes os ensinamentos dos sacerdotes, dos missionários católicos e, salvo raríssimas exceções, da hierarquia católica. Dra. Dora, nesse tempo, os sacerdotes e os bispos, salvo raríssimas exceções, criticaram os ricos e fortaleceram as bênçãos à pobreza! Dra. Dora, não é correto estigmatizar o Estado Novo atribuindo-lhe uma responsabilidade que não teve!

Nas páginas 200-201, o Prof. Manuel Martins escreveu: “A Dr.^a Maria Bernardete Meleiro, nas páginas 65-66 da sua Dissertação afirmou: “... o fim da guerra colonial ficou a dever-se não só ao poderio militar e à capacidade política dos movimentos africanos de libertação nacional... como ainda à influência de...”.

Sobre estes assuntos, Dra. Meleiro, digo-lhe claramente: não pode exagerar a influência da luta armada contra o colonialismo português! Está convencida de que Portugal foi derrotado e expulso de suas colónias? Está convencida de que os Movimentos de Libertação das ex-colónias portuguesas venceram militarmente as suas lutas contra as tropas portuguesas? Eu, Dr.^a

Bernardete, afirmo claramente: Se não fosse a intervenção do Movimento das Forças Armadas Portuguesas e o Golpe de Estado realizado em 1974 em Lisboa, a solução do problema colonial português arrastar-se-ia durante muito mais tempo! Portugal, excetuado o acontecido na Guiné-Bissau, não perdeu as lutas efetuadas contra os movimentos de libertação existentes nas suas colónias/províncias ultramarinas.

Nas páginas 36-37, o Prof. Manuel Martins escreveu: “Durante as últimas décadas, inúmeros agentes atacaram o contrato social, expresso na formação e no desenvolvimento do Estado-Providência, oriundo sobretudo dos regimes sociais democráticos escandinavos (do pós II Guerra Mundial), defensores da segurança social (individual e coletiva) e de formas eficazes de solidariedade humana inter-geracional. Esse contrato social facilitou (com custos sociais relativamente baixos e com a base nacional indispensável) o desenvolvimento das economias capitalistas; e também favoreceu a expansão e o bem-estar das sociedades industriais e dos Estados-Nações. Mas, Dr. Rui Albuquerque, a vitória da ideologia de competição (concretizada sobretudo após o derrube do muro de Berlim), fortaleceu a ética individualista e abalou profundamente esse contrato social! De facto, durante as últimas décadas, mostrou-se claramente o predomínio da ética da individualidade (próxima da ideologia capitalista neoliberal) sobre a ética do coletivismo (na versão socialista-comunista e na versão ocidental do contrato social) e (através de processos de privatização e desregulamentação: do mercado de trabalho, do mercado de capitais, etc.) também se mostrou o retrocesso da intervenção do Estado na economia e na sociedade!

Esta situação, Dr. Rui Albuquerque (principalmente a rotura da coesão social), ameaça a estabilidade e a segurança da Europa. As sociedades europeias (e ocidentais) foram prejudicadas pelo referido triunfo do seu modelo político-económico social sobre as sociedades organizadas atendendo aos princípios do socialismo comunista! Mas, Dr. Rui, a minha leitura de bastantes páginas da sua tese (principalmente as páginas 164-165, 206-212) deu-me a impressão de que também defende a ética da individualidade (próxima da ideologia capitalista neoliberal); a desregulamentação da economia e dos mercados; e, de uma forma geral, a redução da intervenção do Estado na economia e na sociedade! É esta realmente a sua opinião? Parece-lhe que, sob estes aspetos, a União Europeia está a seguir uma via correta? Apenas algumas passagens do livro que importa ler e nele meditar.

A investigação científica, sua análise e avaliação constituem parte integrante da vida das instituições universitárias e de ensino superior. Nelas a carreira docente universitária é uma carreira que possui graus cuja avaliação séria e rigorosa exige aprovação em trabalhos de investigação científica. A experiência de uma vida de avaliação rigorosa e séria ao mais alto nível do ensino, dos trabalhos de investigação de mestres e doutores, seus êxitos e fracassos, é o que em síntese nos apresenta o Professor doutor Manuel Gonçalves Martins.

Trata-se de um livro de organização e métodos no que diz respeito à forma de avaliação bem como de elaboração de uma dissertação ou de uma tese e termina mesmo num aprofundamento pedagógico apresentando uma abordagem orientadora para a elaboração de tais trabalhos científicos. A leitura deste testemunho revelador das preocupações na exigência de trabalho personalizado, tanto quanto possível original nas ideias e conclusões e científico, nos diferentes graus de uma carreira, era natural a paralela reflexão e até comparação com a minha formação militar e dos quadros permanentes ao longo da carreira. A formação militar, nomeadamente a que designamos por instrução e ensino, para além das informações e operações foi sempre uma das minhas grandes áreas de interesse. Nela desempenhei todas as funções. De instrutor, na

Escola Prática de Infantaria e na Academia Militar, de Professor no Instituto de Altos Estudos Militares, no Estado-maior do Exército, chefe da secção dos estabelecimentos ensino militar e militar de ensino, de chefe da Divisão de Instrução e de General Diretor do Instituto de Altos Estudos Militares e Comandante de Instrução do Exército. Sempre participei e lutei pelo reconhecimento do ensino militar como ensino superior e universitário no âmbito das Ciências sociais, as chamadas ciências militares.

Ao fim de trinta anos verifico que as Academias militares são hoje aceites como estabelecimentos de ensino universitário. Sou professor convidado da Universidade Católica, no Instituto de Estudos Políticos há nove anos, em cursos de mestrados e doutoramentos. Sou testemunha ocular de que o ensino militar que frequentei, ministrei e dirigi tem o valor exigido em qualquer universidade. É um sistema de ensino contínuo, organizado exigente, com características próprias e únicas, ou seja, prepara para a vida e se necessário para o seu sacrifício. Quando fiz o meu curso complementa de estado-maior, com três anos de exigência máxima (concorremos 300 oficiais, entrámos 15 e finalizámos o curso nove, dos quais cinco fomos generais), que me transformaram e garantiram a confiança para desempenhar qualquer missão militar ou civil de alto nível, era capitão em 1965 e a estratégia tema abundantemente tratado nos temas constantes deste livro, era assunto estritamente militar e dos seus bancos da escola.

Hoje é um termo que se generalizou à vida corrente. A estratégia sai dos foros militar e entra na aplicação comum ao longo de toda a metade do século XX. Na primeira metade do século XX a organização e management havia dominado o pensamento militar e entrando depois no não militar.

Hoje, nesta metade do século XXI é já evidente que a *Intelligence*, área fundamental de qualquer ação militar, caiu na rua e desde a *strategic intelligence*, ao *business Intelligence*. À *space intelligence*, invadiram as nossas vidas no dia-a-dia e é e será a área que nesta primeira metade do séc. XXI substituirá as áreas de estratégia e organização que dominaram o séc. XX como área de preocupação e redobrado interesse.

Felicito-me por verificar em Portugal a aproximação do ensino militar com o ensino universitário na linha do que há mais de 500 anos Camões afirmou "não houve capitão que não fosse também douto e ciente". É, pois, com todo o gosto que sublinho o lançamento de um livro de cultura científica num lugar de cultura, cidadania e espírito de defesa como é o museu do combatente, infraestrutura e organização da Liga dos Combatentes, instituição que faz jus ao cumprimento dos seus objetivos estatutários, onde no Art.º 2º alínea e) se lê: criar, manter e desenvolver departamentos ou estabelecimentos de ensino, cultura, trabalho e solidariedade social em benefício do país e direto dos seus associados. Não foi, pois, por mera atenção que decidimos receber o lançamento deste livro em nossa casa. Fizemo-lo porque o seu conteúdo nos diz muito, numa semana em que evocamos o dia de Portugal e numa época em que é importante encontrar refúgios que nos animem. A cultura do ensino sério e exigente, da cidadania e do espírito de defesa são exemplos desses refúgios que nos permitem continuar a acreditar no futuro

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DE MEMORIAL EM ABRANTES

14 de junho de 2013

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Nesta cidade de Abrantes, centro geográfico e histórico de Portugal que hoje evoca o dia da cidade, reúnem-se mais uma vez os que têm memória a conservar e têm orgulho dos feitos que sublinham e sublimam. Fazem-no em comunhão com os responsáveis e representantes da cidade o que demonstra a importância e o reconhecimento pelo momento e pelos autores. Rodeia-nos o Bolisso normal do dia-a-dia. A vida tranquila e hoje festiva que qualquer comunidade honra e anseia. No seu seio alguns teimam em honrar os que saíram em sua defesa e da sua tranquilidade, alguns caindo para sempre.

O Séc. XX que nos deixou é disso forte testemunho. Quatro gerações de portugueses sofreram as agruras da guerra. Duas, na primeira metade do Séc. XX, uma que nasceu para fazer a Primeira Guerra Mundial, a outra que se lhe seguiu para sofrer as suas consequências. As outras duas na segunda metade do mesmo século. Uma que nasceu para vir a fazer a Guerra do Ultramar. Outra que depois, no último quartel, sofreu as suas consequências.

Hoje, que começamos a evocar o centenário do início da IGG e o 50.º aniversário do início da Guerra do Ultramar, é significativo que as populações e as autarquias se levantem para materializar a sua vontade de deixar padrões para o futuro que lembrem às gerações vindouras os momentos em que em tempo de guerras portuguesas honraram a Pátria.

É, pois, absolutamente coerente juntar ao Monumento erguido em Abrantes em honra dos que caíram na primeira metade do Séc. XX uma simbólica lápide com o nome dos que no Concelho caíram na segunda metade do mesmo século XX, servindo Portugal.

Honra, coragem, bravura, determinação, espírito de sacrifício, resistência física e psicológica, sentido do dever, demonstrados em situações extremamente adversas, durante períodos prologados, foram características e atributos da generalidade daqueles que, longe do seu habitat normal e em situações climáticas e ambientais extremamente exigentes e perante um inimigo sem frentes, podendo surgir em qualquer frente, ajudaram as Forças Armadas portuguesas a baterem-se em três teatros de operações durante 14 anos.

Ao evocá-los dignificando a sua memória, sentimo-nos nós próprios dignificados e honrados sentindo profundo orgulho em ter servido as Forças Armadas Portuguesas, num período difícil da sua história. À Câmara Municipal de Abrantes, na pessoa do seu Presidente e ao Núcleo de Abrantes da Liga dos Combatentes felicito pela iniciativa e faço votos para que este espaço seja cada vez mais um espaço de respeito, de meditação, enfim um espaço vivo e simbólico para a população da cidade.

Vivam os Combatentes por Portugal Viva Portugal.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AOS COMBATENTES DO ULTRAMAR - OLHÃO

16 de junho de 2013

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Nesta cidade de Olhão da Restauração, vila cubista de outrora, convergem hoje os que teimam em juntar às memórias romanas e mouriscas padrões da história recente das suas gentes. Há uma década, precisamente no dia de hoje, trazia-se à luz do dia um dos grandes feitos das gentes de Olhão, a expulsão dos franceses das suas terras. Criou-se então a réplica do Caíque Bom Sucesso que levou tal notícia ao Rei de Portugal no Brasil. Recolocaram-se assim tais feitos do início do século XIX, na memória recente dos Olhanenses.

Hoje, 50 anos depois do início dos acontecimentos em África, as vontades dos representantes da população de Olhão juntam-se à dos Combatentes do Ultramar e suas famílias, e erguem nesta cidade um padrão permanente, ao esforço, ao sacrifício de muitos, e à dádiva total por parte de alguns. Como disse anteontem em Abrantes onde um memorial se juntou ao Monumento dos Mortos da I Grande Guerra, o Séc. XX tocou fortemente 4 gerações de portugueses. Duas na primeira metade do Séc. XX. Uma que nasceu para fazer a Primeira Guerra Mundial, a outra que se lhe seguiu para sofrer as suas consequências. Outras duas na segunda metade do mesmo século. Uma que nasceu para vir fazer a Guerra do Ultramar. Outra que depois, no último quartel, sofreu as suas consequências. Começamos em breve a invocar o centenário do início da I Grande Guerra e o 50o aniversário do início da Guerra do Ultramar. E significativo que as populações e as autarquias se levantem para materializar a sua vontade, para deixarem padrões para o futuro que lembrem às gerações vindouras os momentos em que, em tempo de guerras, alguns portugueses honraram a Pátria defendendo-a de armas na mão. Honra, coragem, bravura, determinação, espírito de sacrifício, resistência física e psicológica, sentido do dever demonstrados em situações extremamente adversas, durante períodos prolongados, foram características e atributos daqueles que longe do seu habitat normal e em condições climáticas e ambientais exigentes, e perante um inimigo sem frentes, mas podendo surgir em qualquer frente, ajudaram as Forças Armadas a baterem-se em três teatros de operações durante 14 anos.

Evocámo-los dignificando a sua memória. Sentindo-nos nós próprios honrados e dignificados e com profundo orgulho de termos servido nas Forças Armadas Portuguesas, num período difícil da sua história. À Câmara Municipal de Olhão, na pessoa do seu Presidente e ao Núcleo de Olhão da Liga dos Combatentes, felicito pela sua iniciativa. Permitam-me que assinale a atividade desenvolvida pelo Núcleo de Olhão e pelo seu Presidente, sublinhar igualmente o apoio concedido e a cooperação da Câmara Municipal de Olhão para que este magnífico monumento fosse erguido, e com ele respirarmos a certeza de que o tempo, fator inexorável do esquecimento, se não apodere das gentes de Olhão, e seja possível manter este testemunho vivo perante as gerações futuras. Que este espaço seja, a partir de hoje, um espaço de respeito, de meditação, enfim, um espaço vivo e simbólico para a população da cidade.

Viva a Liga dos Combatentes. Viva os Combatentes por Portugal. Viva Portugal.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

TRASLADAÇÃO DOS RESTOS MORTAIS DO MARECHAL COSTA GOMES PARA A CRIPTA DOS COMBATENTES

24 de setembro de 2013

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor General António Ramalho Eanes, o nosso reconhecimento por ter-se dignado a estar presente.

Exmos. Senhores

- Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional
- Chefe de Estado Maior da Armada em representação de Sua Exa o General Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas
- General Chefe do Estado Maior da Força Aérea
- General Chefe do Estado Maior do Exército
- Senhor General Chefe da Casa Militar de Sua Exa o Presidente da República
- Exmo. Senhor Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, Excelência Reverendíssima
- Senhor Presidente da Associação 25 de Abril
- Senhores Diretores-gerais e Membros do Conselho Supremo da Liga
- Ilustres Entidades Cívicas e Militares Presentes
- Meus Senhores e Minhas Senhoras

Os mais profundos agradecimentos da Liga dos Combatentes pelo vosso apoio na organização desta cerimónia e pela presença de Vossas Exas extensivos à Excelentíssima família do Marechal Francisco da Costa Gomes.

Há precisamente sete anos, ao iniciar a minha intervenção neste mesmo local e em cerimónia semelhante, eu afirmei, referindo-me ao militar e combatente que então homenageávamos, o que hoje repito sem alterar uma palavra relativamente ao militar e combatente que hoje homenageamos:

Assim, sublinho esta coincidência ímpar:

"Estão perante nós os restos mortais de um Menino da Luz!

De um Menino da Luz que foi depois Soldado!

De um Soldado que foi Combatente!

De um Combatente que foi Marechal!

De um Marechal que foi Presidente da República!

De um Presidente da República que foi Torre Espada, Valor, Lealdade e Mérito."

Hoje, Vossas Exas juntaram-se a nós, Liga dos Combatentes, para acompanhar os restos mortais do Marechal Francisco da Costa Gomes, a esta Cripta, no talhão da Liga dos Combatentes, no Cemitério do Alto de S. João, em mais uma homenagem à sua memória.

Junta-se a 7.400 soldados de Portugal que aqui têm um espaço perpétuo, ficando lado a lado com o Marechal Gomes da Costa e o Marechal Spínola, os Marechais Combatentes do século XX.

Aqueles que tiveram o privilégio de com ele conviver ou servir, recordam o camarada, o Chefe, o Comandante, o Comandante-Chefe ou o Presidente da República que serviu as Forças Armadas, Portugal e os portugueses, num período difícil da sua História, de uma forma influente, exemplar e muito própria.

Quiseram as circunstâncias que um seu subordinado direto em campanha, aqui estivesse hoje como Presidente da Liga dos Combatentes, neste momento singular, a recordar e a testemunhar as suas qualidades como Comandante-chefe e a sua capacidade de audição, diálogo e decisão em ambiente de conflito, que em Angola conduziram a resultados militares e políticos, extraordinários, excepcionais e muito importantes que a História reconhecerá e registará.

Sublinho igualmente a imagem de lucidez, tranquilidade e equilíbrio que paira no imaginário dos portugueses, quer da sua ação no período do 25 de Abril, quer quando, como Presidente da República, criou as condições que permitiram encontrar o caminho da democracia.

Está aqui também connosco como disse, a imagem do Menino da Luz, formado nos valores que o Colégio Militar transmite, dando origem a um militar de referência do seu tempo, que serviu Portugal de forma brilhante e dedicada, em muitos lugares do mundo, em defesa dos interesses nacionais, com especial relevo para Macau, Moçambique e Angola.

Hoje também lhe dizemos que recordamos com saudade a sua esposa D. Estela que tão dedicadamente sempre o acompanhou e a quem tão profundamente se dedicou.

À sua família, aos seus amigos, aos seus camaradas, aos portugueses, a Liga dos Combatentes garante que os restos mortais do Marechal Francisco da Costa Gomes continuarão vivos na Cripta de Marechais do Talhão da Liga dos Combatentes do Cemitério do Alto de S. João, onde dentro de momentos irá definitivamente repousar ao lado dos seus soldados.

É uma homenagem da Liga dos Combatentes e de todos os que a ele estiveram ligados, e de todos os portugueses em geral, com a garantia de que a Liga dos Combatentes cumprirá o seu lema: Nunca o esquecemos; Nunca o esqueceremos. Foi soldado de Portugal.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

95.º ANIVERSÁRIO DO DIA DO ARMISTÍCIO, 90.º ANIVERSÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES E 39.º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR

9 de novembro de 2013

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor

General Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, General Luís Esteves Araújo
Digna-se V.ª Ex.ª presidir mais uma vez a uma cerimónia da Liga dos Combatentes. Os nossos sinceros agradecimentos pela atenção, compreensão e sensibilidade que sempre tem demonstrado, para com a causa e os problemas dos combatentes.

Exmo. Senhor Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada

Exmo. Senhor General Chefe do Estado-Maior do Exército

Exmo. Senhor General Vice-Chefe do Estado-Maior da Força Aérea

Mais uma vez se dignam estar connosco. É momento para agradecer os inestimáveis apoios morais e materiais que nos têm proporcionado e a honra que nos dão com a vossa presença.

Permitam-me uma palavra de felicitações e profundo agradecimento da Liga dos Combatentes ao Senhor General Chefe do Estado-Maior do Exército pela distinção pública que nos conferiu no dia do Exército e pelas palavras de incentivo que proferiu a todos os militares e que a nós, membros da Liga dos Combatentes, nos tocaram profundamente.

Exmo. Senhor General Chefe da Casa Militar do Senhor Presidente da República; Exmo. Senhor General Chanceler das Antigas Ordens Militares; Senhor Almirante, representante da STRIKEFOR NATO em Portugal; Senhor Diretor-geral de Pessoal e Recrutamento Militar; Senhores Almirantes e Senhores Generais; Senhor Representante do Presidente da Câmara Municipal de Lisboa; Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Belém; Senhor General representante do Comandante Geral da GNR; Senhor Superintendente representante do Diretor Nacional da PSP; Senhor Presidente da Assembleia-geral da Real Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, membro honorário da LC; Senhores Adidos de defesa e militares de países amigos; Senhores Membros do Conselho Supremo, Presidentes de Associações de Combatentes e Presidentes de Núcleos da Liga dos Combatentes; Representações da Souvenir Française, Association des Militaires Français au Portugal e da British Legion; Autoridades civis, militares e religiosas

Ilustres convidados

Caros Combatentes

Quando evocamos o 95.º aniversário do fim da IGG e nos aproximamos de um período evocativo do centenário do seu início, nós, Liga dos Combatentes, instituição verdadeiramente responsável por, em termos nacionais, conservar e ter trazido até hoje a Memória do sacrifício desse trágico período histórico e de quantos ali se bateram, quisemos ter hoje connosco, alguém que tem estudado profundamente o período da História de Portugal onde se insere a GG e o nosso próprio nascimento como instituição.

Agradeço por isso em nome da Liga dos Combatentes a disponibilidade imediatamente evidenciada pelo Professor Doutor António José Telo. Em nome da Liga dos Combatentes e dos combatentes, o nosso muito obrigado.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Assinalamos os 95 anos do fim da IGG e os 39 anos do fim da guerra do Ultramar bem como os 90 Anos da Liga dos Combatentes. Evocamos por um lado a Paz de um passado de guerra dura e penosa, para as Forças Armadas portuguesas.

Vivemos, por outro lado, um presente de penosa adaptação a novas realidades. No futuro, como as nossas Forças Armadas e Forças de Segurança, a Liga dos Combatentes acredita ser possível continuar a criar condições para um futuro perene. Não sem que não sintamos, por vezes, remar contra uma maré que nos dificulta o passo. Isso nos incentiva.

Reunimos forças e apoios. Multiplicamos os nossos núcleos, aumentamos os nossos sócios e os nossos dirigentes. Sentimos estar ainda mais fortes do que há alguns anos atrás, cumprindo cada vez melhor a nossa missão.

Essa percepção e reconhecimento teve sua Ex^a o Senhor Ministro da Defesa Nacional ao louvar a Liga dos Combatentes nesta efeméride enaltecendo a sua obra e propondo a condecoração da sua bandeira com a medalha de ouro de serviços distintos. O governo reconheceu, o Senhor Presidente da República concedeu.

De igual modo procederam instituições da sociedade civil. É com regozijo que assinalamos a decisão do nosso sócio honorário e portador da Ordem da Torre Espada, a Real Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, de conceder, à Liga dos Combatentes, neste dia por decisão unânime dos seus corpos sociais, o Grande Colar de Honra e Mérito da instituição.

Permitam-me que na evocação deste ano do 90 aniversário, assinale mais alguns momentos importantes e significativos da nossa vivência. Quer de carácter material, quer de carácter espiritual.

O primeiro para assinalar que integrados no Programa In – Alentejo, foi possível com verbas comunitárias e alguns apoios conseguidos, avançarmos para a construção da Casa do Combatente em Estremoz. Esperamos dentro de ano e meio, termos a funcionar um Lar no Porto e um Lar em Estremoz, materializando assim dois objetivos do Programa Liga Solidária e respondendo a anseios profundos dos combatentes e famílias, no apoio à sua idade de ouro.

O segundo facto que gostaria de assinalar tem um carácter simbólico. A Direção Central decidiu a entronizar São Nuno de Santa Maria como Padroeiro da Liga dos Combatentes.

A inovação e a espiritualidade são princípios orientadores duma instituição como a nossa que promove a solidariedade e o apoio mútuo e humanitário entre combatentes. Desses mesmos princípios que reconhecidamente praticou durante a sua vida, é símbolo máximo S. Nuno de Santa Maria.

Ele junta-se como nossa referência defensora e protetora, aos símbolos informadores da Liga, a bandeira nacional, o guião com a cruz de Cristo e a cruz de guerra, o hino e o grito da Liga dos Combatentes. A sua imagem foi colocada em lugar de honra no Forte do Bom sucesso e a sua evocação será feita a 9 de Abril, dia do Combatente, mês da sua canonização e morte. Também hoje, em que se atingem dez anos desde a primeira vez que aqui vos falei, (caros membros da Liga dos combatentes), será oportuno fazer uma retrospectiva seletiva do produto do esforço comum

e solidário realizado por todos os dirigentes dos Núcleos e dos corpos sociais na última década e com regozijo assinalar que:

- A Liga dos Combatentes cresceu de 63 para 105 núcleos, ou seja, mais 42 novos núcleos. (mais de 40%);
- Do número administrativo de 149.000 sócios, cresceu para 171.100, o que equivale a mais 22.100 novos sócios (cerca de 13%);
- De 347 dirigentes para 600 dirigentes voluntários, ou seja, mais 253 dirigentes (mais de 42%);
- De 0 núcleos para 10 núcleos no estrangeiro (mais 100%);
- Organizámos a estrutura de apoio à saúde física e mental, passámos de 0 técnicos de saúde (médicos, psiquiatras, psicólogos, enfermeiros e assistentes sociais) para 50, na generalidade voluntários, espalhados pelos 9 centros de apoio médico psicológico e social igualmente criados em todo o país. (mais 100%);
- Criámos neste período de crise 20 novos postos de trabalho diretos e criámos algumas dezenas de postos de trabalho indireto na construção da creche e dos lares, além de mais 50 resultantes destes projetos, quando em funcionamento, para além de podermos acolher 120 sócios idosos no nosso seio e mais 60 crianças;
- Milhares de combatentes e pessoas de família foram apoiados neste período quer no âmbito da saúde física, quer mental, quer no âmbito do apoio social;
- Só no ano de 2012 foram realizadas cerca de 6.500 intervenções médicas, psicológicas, de apoio social, e enfermagem dos quais 20% foram de âmbito social;
- Realizámos dezassete operações fora de Portugal no âmbito do Programa Estruturante Conservação das Memórias, construímos dois ossários, recuperámos os cemitérios de S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Bissau, Maputo e Nampula, e beneficiámos os cemitérios do Alto de S. João, Richebourg e Bologne-sur-Mer, entre dezenas de talhões em território nacional e trasladámos para locais dignos em território da Guiné e de Moçambique 75 restos mortais de combatentes e apoiamos a trasladação para Portugal de 10 restos mortais, a pedido das famílias;
- Dos 200 monumentos erguidos em todo o país e no estrangeiro evocando a Guerra do Ultramar, 150 foram erguidos nesta década (mais 300%);
- Foi digitalizado, com o apoio da Torre do Tombo, todo o arquivo histórico da Liga dos Combatentes.

Realizámos oito dezenas de sessões e publicámos 12 livros no âmbito da Tertúlia «Fim do Império» e editamos uma dezena de títulos sobre a guerra do ultramar. Entre eles, evocando o 90º aniversário, subordinados aos títulos “Pensar o Combatente por Portugal - Séc. XXI” e “Monumentos da Grande Guerra e do Ultramar”.

Poderíamos apresentar mais dados estatísticos, mas julgamos serem os anteriormente referidos suficientes para evidenciar o trabalho realizado por membros e dirigentes da nossa instituição numa demonstração plena de vitalidade, utilidade, visibilidade e credibilidade ao serviço do País e dos seus membros em particular.

Se com tudo isto nos congratulamos, sentimos dia a dia o descontentamento, visível preocupação, desânimo e sofrimento de muitos combatentes e famílias, em que a saúde e a idade são incompatíveis com os sacrifícios que lhe são pedidos invocando a crise. Aumentam os pedidos de apoio. Aumenta a dificuldade de cobrança de quotas. Necessitamos da atenção de todos.

A Liga dos Combatentes junta-se às preocupações evidenciadas pela Associação de Deficientes das Forças Armadas e do seu Presidente Comendador Arruda, no que diz respeito ao apoio à saúde e apoio social dos combatentes, nomeadamente os combatentes com deficiência e carenciados.

Minhas senhoras e meus senhores

Evocamos também hoje, como já referi, os 95 anos do fim da Grande Guerra. Superada em universalidade, perdas e horror pela II Guerra Mundial, ela ficou ainda assim sendo considerada a Grande Guerra.

As suas principais marcas foram a surpresa da sua longa duração e da continuidade dos combates. Em segundo lugar a surpresa do campo de batalha que da terra e do mar se alargou às profundezas do mar e do ar, dando novas dimensões ao conflito. Em terceiro lugar o insólito das trincheiras e da imobilidade que sobrecarregaram o desgaste dos homens e conduziram à saída da industrialização que permitiu voltar à mobilidade e ao poder de choque e consequente vitória aliada. Finalmente, assistia-se ao início da viragem do equilíbrio mundial com a participação dos EUA, pela primeira vez na história, nos assuntos europeus. As Forças portuguesas não estiveram no lugar certo na hora certa e sofreram uma das cinco ofensivas alemãs por estas realizadas entre 21 de março e 17 de julho de 1918. As duas primeiras, em 21 de março e 9 de abril, sobre a frente britânica, onde nos encontrávamos e que romperam a frente. Evocamos hoje as graves consequências humanas e demográficas da guerra, mas também políticas, económicas, financeiras e diplomáticas a nível mundial.

Surpreendida pelo brusco fim do conflito, a Europa entrou num período de agitado pós-guerra que infelizmente desembocaria na II Guerra Mundial, em que não participámos, mas da qual sofremos as consequências com a guerra do ultramar e seus efeitos. Pelo quinto ano consecutivo evocamos mais esse momento de Paz. O 39º aniversário do fim da Guerra do Ultramar. Por coincidência no país onde ela se iniciou, Angola, festeja-se hoje a independência. São hoje formas diferentes de comemorar a Paz. Mas é na comemoração da Paz, seja qual for a forma de que se revista, que os países se aproximam e se revêm.

Evocamos hoje dois momentos em que as armas se calaram.

Assumamos a História e evoquemos também, com o povo angolano, o resultado de um desses momentos; a independência de Angola.

Minhas senhoras e meus senhores
Caros Membros da Liga dos Combatentes

Antes de terminar reafirmo a honra e orgulho que tenho em presidir à Liga dos Combatentes. Não apenas honra e orgulho, mas profundo reconhecimento à nossa instituição, por ela me proporcionar um exercício de comando, direção, chefia e liderança, que só uma instituição, onde é exigida uma dádiva total ao serviço de uma comunidade exemplar e única, proporcionam. Como disse o General Pina Monteiro essa instituição “representa a alma do soldado para além da vida ativa”. Eu reafirmo, é um dever moral ser seu Membro.

O sentimento é ainda mais profundo quando sentimos que como tal somos reconhecidos, obedecidos e apoiados. É reconfortante ter sentido até hoje o profundo respeito da família combatente. Aqui deixo o meu agradecimento a todos.

Termino levando-vos a concentrar na contemplação do simples pórtico, de grande dimensão, que temos em nossa frente, e das lápides colocadas em seu redor, que na sua pureza formal e simbólica, grande simplicidade e carácter unitário, cumprem um ato de justiça e de homenagem àqueles que como combatentes serviram Portugal.

Vivam os combatentes por Portugal e suas famílias

Viva a Liga dos Combatentes

Vivam as Forças Armadas e as Forças de Segurança de Portugal

Viva Portugal

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general